

"Mas estou tentando escrever-te com o corpo todo, enviando uma seta que se finca no ponto tenro e nevrálgico da palavra."

Clarice Lispector, *Água Viva*.

Só quando consegui identificar onde estava a sensação interna que se repetia em mim, sempre que lia as crônicas de Anna, é que pude dar início a esta resenha.

Que gostoso é ouvir, ler e contar histórias!!

Prazer infantil, renovado na atualidade, com outra forma, outros temperos, mas no mesmo tom. Foi aí, no tom, que encontrei a ligação que me possibilitou identificar o prazer vivido ao ler as crônicas reunidas neste livro.

Por este prisma é que busquei escutar o singular destes textos.

Tratando às vezes de banalidades, às vezes de minúcias, às vezes de desvios; também de memórias de sua própria história e alguns "senões" do campo psicanalítico, Anna nos fala sempre mais próxima das pulsações do corpo que das determinações do intelecto.

Sua escrita é intimista, não busca preenchimento, nenhum grande sentido, nenhuma revelação fundamental; privilegia o tom, a porosidade do texto, permitindo ao leitor um trânsito livre para o seu pensar. Anna quer se comunicar e diz como: "Eu vejo com os meus olhos nos teus olhos". Olhos atentos, marcados pela história de sua família refugiada e emigrante, riquíssimos de recursos advindos de duas culturas distantes, distintas mas ligadas e entrelaçadas nesta terceira via, nem lá e nem cá, terceiro veio, terceira margem... suas crônicas.

Na leitura estabelecemos uma relação particular com o texto; esquecemos de nós mesmos, pegamos uma carona no passeio escolhido pela autora, e aí é só confiar e se deixar levar por seu fluxo. Característica que marca o genuíno estilo narrativo definido

Era uma vez...

Resenha de Anna Verônica Mautner, Crônicas científicas, São Paulo, Escuta, 1994, 123 p.

por Walter Benjamin, em artigo tão bem escrito por Mara Caffé. (Revista Percurso n.13,1994). "Assim é quando Benjamin fala do cronista, um narrador de histórias, em oposição ao historiador, aquele que tenta explicar os episódios de sua ciência, afirma que o primeiro (...) não se preocupa com o encadeamento exato de fatos determinados, mas com a maneira de sua inserção no fluxo insondável das coisas. ... A narrativa é uma forma artesanal de comunicação. Nela está presente a particularidade de quem conta a história... Quem conta imprime sua marca na história; é esse um "ofício manual", segundo o pensador.

Nesta resenha, escolhi evidenciar a crônica "Em defesa da liberdade no trato da alma", por interesse em fazer uma aproximação entre os pensamentos de Anna e Benjamin, sobre questões intrigantes da prática clínica: o lugar do analista e a comunicação da interpretação. Neste texto, Anna sugere uma intervenção verbal na situação analítica que se aproxime da "língua materna", da linguagem mais intimista, aquela que falamos em volta da mesa. Intervenção que implicaria uma proximidade, aqui proposta através da linguagem, mas que deixa uma questão fundamental: de que lugar transferencial seria possível tomar esta forma de comunicação? O que, para o analista, balizaria esta passagem? Mas estas são questões que demandariam outro trabalho. Fiquemos com a linguagem.

Tomemos o seguinte ponto de Benjamin, visto por Mara Caffé: "A narrativa vem circunscrita num contexto muito especial e definido: a relação humana dialógica, aquela típica entre os artesãos em seus ofícios na época medieval. A narrativa se constrói na medida em que há um ouvinte, que se esquece de si mesmo para poder "mergulhar" profundamente na história narrada, e um narrador, que dá e que espera obter conselhos sábios. Assim será tanto mais autêntica quanto mais estiver calcada na comunicação oral. Como vemos, para o autor, o que constitui a narrativa não é apenas a história contada, e sim, também toda trama de uma relação humana construída para comportá-la. É preciso uma história. É preciso uma escuta. É preciso um trabalho de troca de experiências, e daí nasce a possibilidade do conselho". Eis aqui uma questão: esse narrador queria poder dar conselhos, o que era construído no campo da relação de troca, entre a dupla, e o conselho se constituía numa sabedoria. Numa linha que se aproxima muito, no meu entender, à desses narradores, Anna pensa uma comunicação que possa influir. Vejamos então: de um lado temos a importância da autenticidade da narrativa - para os antigos calcada na comunicação oral - e de outro a idéia de que a flexibilidade contida na língua materna guardaria o poder de uma proximidade, desejada pelo analista, capaz de influir. Diz ela: "A linguagem materna procura despertar o mínimo de resistência à mudança proposta. A língua materna é uma constru-

ção complexa que se caracteriza pela flexibilidade, capaz de conter imprecisões, ambigüidades... As línguas oficiais, profissionais e religiosas esforçam-se para retirar do discurso a máxima eficiência pela precisão, concisão e ligação com autoridade, de onde emana a ordem. Esta eficiência torna-se obediência". (p.116). Portanto, uma comunicação seria mais autêntica se guardasse a proximidade com a língua materna? Uma comunicação autêntica tem maior chance de influir? É o que tudo indica. Uma interpretação analítica estaria mais próxima de influir, isto é, de fazer fluir para dentro, quanto mais esta comunicação estivesse calcada no continente da língua materna. Diz ainda que: "A universalidade da língua materna reside no fato de ser específica a cada díade ou grupo familiar. Só a flexibilidade, que caracteriza o uso da língua materna, pode promover aquela mudança psíquica que elimina a dor. E isto tem que se dar por transformações no mundo interno, e não por uma obediência comportamental". (p.122). Portanto, a comunicação do analista com o paciente deveria ser diferente do que é a compreensão teórica sobre o mesmo; a compreensão teórica demanda distância temporal; ela explica, não implica.

Como esta crônica, outras tantas nos inquietam, enquanto leitores. Podemos reconhecer no contato com o texto a experiência de proximidade da qual a autora nos fala. Com suas crônicas, tenta influir.

Minha sugestão consiste em poder garantir sua presença em nosso cotidiano.

É preciso uma história. É preciso uma escuta.

Conta outra vez?

Rubia Mara Santos do Nascimento é psicanalista, membro do Departamento de Psicanálise do Instituto Sedes Sapientiae.